

## **A hospitalidade nos sertões de “Cordel Encantado”**

Davi Alysson da Cruz Andrade<sup>1</sup>

### **Resumo**

Neste trabalho nos propomos a identificar e analisar as práticas de hospitalidade no cotidiano das personagens da novela Cordel Encantado, exibida pela Rede Globo, entre abril e setembro de 2011. Várias cenas da novela apresentam a relação entre visitante (o rei de Seráfia e sua comitiva) e anfitriões (a população de uma pequena cidade no sertão nordestino). O percurso metodológico parte de alguns apontamentos teóricos sobre a hospitalidade. Com base em Rose (2002) que apresenta três etapas para análises de imagens para a pesquisa: (1) seleção das cenas, (2) transcrição e (3) análise das cenas selecionadas, traçamos os caminhos para chegar ao objetivo pretendido. As análises são feitas a partir da identificação de cenas em que a hospitalidade/hostilidade é evidenciada, sendo assim uma amostragem intencional. As cenas foram reassistidas pelo menos três vezes, no sítio da Rede Globo, para permitir a transcrição de algumas falas e análises dos momentos de hospitalidade/hostilidade. Os resultados apontam que o acolhimento aos visitantes evidencia a hospitalidade em várias dimensões e aspectos: sociocultural, doméstico e público. Nas cenas analisadas não há registro da hospitalidade comercial.

**Palavras-chave:** Hospitalidade. Telenovela. Sertão.

### **Introdução**

O acolhimento a estrangeiros/visitantes faz parte de importantes capítulos da história do Brasil, desde o seu “descobrimento”, quando os colonizadores foram recebidos pelos autóctones, revelando os encantos da Terra de Vera Cruz.

Com o desenvolvimento dos transportes e a facilidade dos deslocamentos, os contatos entre visitantes e visitados foram intensificados, e com isso a importância da hospitalidade, como “tratado” que protegia os viajantes. Vários autores relatam passagens e tradições em que a hospitalidade como um dever moral garantia ao visitante acomodação, alimentação e até mesmo a sobrevivência.

---

<sup>1</sup> Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Bacharel em Turismo (UFPB). Docente no Departamento de Turismo e Hotelaria da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: daviandrade.ufma@gmail.com

A hospitalidade, como prática social, é registrada há muito tempo entre os povos, seja por motivos religiosos-morais, seja pela cultura e sentimento de pertencimento a uma mesma espécie. Desde o século XVII a hospitalidade era associada aos princípios religiosos judaico-cristãos, sendo valorizada nos sermões – como o “Hospitalidade britânica antiga”, que dizia: “acolhê-los de maneira generosa, divertindo-se com eles e ficando contente” - com base em textos bíblicos - como no Êxodo (22:21) “não maltratarás o estrangeiro”. (Selwyn, 2004)

Estes princípios, incorporados aos costumes das populações têm resultados nos dias de hoje, seja de forma semelhante, como nas ordens religiosas, seja com aspecto mais elaborado e comercial, nos hotéis e restaurantes.

Com o advento do turismo, a partir do século XIX, que imprimiu nas viagens e no ato de acolher os viajantes vários aspectos específicos, a hospitalidade ganha relevância e passa a ser buscada por cidades/destinos turísticos, empresas e pessoas/profissionais, além de mantida naqueles aspectos mais culturais.

A hospitalidade faz parte do cotidiano da sociedade atual, sendo verificada nas mais diversas representações da realidade, em forma de arte, como na literatura, cinema, artes plásticas e música. Na televisão estas cenas de hospitalidade são verificadas comumente em telenovelas, seja na acolhida de uma personagem que muda de cidade ou na prestação de serviços, em hotéis e restaurantes.

No ano de 2011, uma produção da teledramaturgia brasileira chamou atenção pelo contato/aproximação entre visitantes e anfitriões: a novela Cordel Encantado, apresentada pela Rede Globo.

A relação entre os visitantes, oriundos do distante reino de Seráfia (tendo a França como cenário) e os anfitriões (moradores da “cidade de Brogodó”, sertão nordestino, Brasil) revela claros momentos de hospitalidade e hostilidade. O olhar de estudioso do tema da hospitalidade e os laços de pertencimento ao sertão nos levaram a acompanhar os desdobramentos da “estória” com especial atenção. Neste trabalho nos propomos a identificar e analisar as práticas de hospitalidade no cotidiano das personagens da novela Cordel Encantado. Trata de uma análise inicial, que, em vez de esgotar, abre caminhos para olhares mais aprofundados sobre a temática.

## **A hospitalidade na teoria e na prática**

Várias áreas de estudo têm direcionado seus esforços para a hospitalidade e suas interfaces, com destaque para a antropologia, sociologia, geografia, economia e administração, que compreendem a hotelaria e o turismo, e juntas, formam a base para a estruturação dos estudos em hospitalidade, verificados no desenvolvimento de cursos de pós-graduação, no exterior e no Brasil, nos eventos e publicações científicas.

Grinover (2002, p. 25) afirma que “o estudo da hospitalidade implica um amplo e complexo contexto sociocultural, a partir do momento em que se criam ou implementam relações já estabelecidas”. O autor aponta que, na prática, “realizam-se trocas de bens e serviços materiais ou simbólicos entre receptor e acolhido, anfitrião e hóspede, sendo que a noção de hospitalidade emprega-se em diferentes contextos”.

A hospitalidade “é fundamentalmente o ato de acolher e prestar serviços a alguém que por qualquer motivo esteja fora de seu social de domicílio, é uma relação especializada entre dois protagonistas, aquele que recebe e aquele que é recebido, mas não é só isso” (GOTMAN, 2001 apud GRINOVER, 2002, p. 26)

Aquelas trocas e prestações de serviços podem, ou não, ser parte de uma relação comercial. Atualmente, a noção de hospitalidade vai além das práticas originais de solidariedade e não se limita à prestação de serviços comerciais, em hotéis e restaurantes.

Para demonstrar que a hospitalidade está compreendida nas práticas culturais, Camargo (2004) aponta as leis não-escritas da hospitalidade: a hospitalidade começa com uma dádiva; a dádiva implica sacrifício; toda dádiva traz implícito algum interesse; o Dom deve ser recebido; Receber implica aceitar uma situação de inferioridade diante do doador; Quem recebe, deve retribuir. O autor enfatiza que a hospitalidade é o ritual básico do vínculo humano.

Vemos em Cruz (2002), Lashley (2004) e Camargo (2005) a identificação de domínios/dimensões da hospitalidade. Cruz classifica as “naturezas da hospitalidade humana”, sendo: sociocultural, profissional, político e espacial. Para Lashley a hospitalidade pode ser verificada nos domínios social, privado e comercial. Camargo identifica as dimensões doméstica, comercial e pública da hospitalidade.

Pelas características de cada uma, com base nestes autores, podemos estabelecer semelhanças e agrupar as classificações, conforme apresentado a seguir.

O domínio social e a natureza sociocultural: compreendem as práticas de hospitalidade relacionadas aos valores sociais e culturais de um povo. É uma hospitalidade voluntária, oferecida aos visitantes de acordo com a vontade dos anfitriões. Cruz (2002, p. 41) aponta que “um indivíduo ou grupo de indivíduos pode ter maior ou menor disposição para receber alguém. Em essência, o ato de acolher um visitante é um ato social, culturalmente construído”.

O domínio privado, a dimensão doméstica e a natureza sociocultural: é a hospitalidade dispensada ao visitante no seio da família, em sua residência. Para Camargo (2005, p. 718) “é a matriz e o espaço de preservação dos rituais legados pela tradição, tanto na forma de recepcionar, como de hospedar, alimentar e entreter”. Recebe influência daqueles valores socioculturais, mas são definidas por normas específicas de cada anfitrião, de cada lar.

O domínio e a dimensão comercial e a natureza profissional e política: abrangem as práticas de hospitalidade mais cuidadosamente planejadas para o acolhimento dos visitantes, geralmente envoltas em uma relação comercial, seja de empresa para cliente ou um conjunto de ações/políticas para melhor acolher os visitantes. Lashley (2004, p. 17) considera que é “o relacionamento movido comercial e mercadologicamente, que permite ao cliente uma liberdade de ação que o indivíduo não poderia sonhar em demandar em um ambiente doméstico”.

A dimensão pública e a natureza política e espacial: compreendem a hospitalidade num contexto espacial mais abrangente, a cidade, no espaço urbano ou rural. Os esforços para garantir esta hospitalidade são resultados de políticas públicas. “Um possível interesse pela criação de um ambiente hospitaleiro em uma dada escala geográfica (local, regional, nacional) são políticas públicas, que objetivam organizar o setor, bem como maximizar seus benefícios” (Cruz, 2002, p. 42).

Para as análises aqui pretendidas, no contexto sociocultural e espacial criado na novela *Cordel Encantado*, e dialogando com os autores acima, vamos utilizar a seguinte nomenclatura: hospitalidade sociocultural, hospitalidade doméstica, hospitalidade profissional e hospitalidade pública.

### **As histórias de Cordel Encantado**

Em Cordel Encantado o telespectador mergulhou numa história que fez grande uso da ficção, trazendo imagens de reinos distantes, casos de amores impossíveis, mas contemplou momentos de um passado real no sertão nordestino, a época do cangaço.

Se as imagens do reino de Seráfia do Norte (que teve a França como cenário) mostravam palácios luxuosos, uma paisagem verde, cheia de campos, as tomadas feitas no sertão nordestino, no entorno da “cidade de Brogodó” (que teve tomadas de imagem nos estados de Sergipe e Alagoas, às margens do Rio São Francisco), souberam evidenciar os encantos do contraste da aridez nordestina com as águas do Rio São Francisco. Além da paisagem sertaneja, com cactos e flores, as pessoas, seus sotaques e hábitos de quem mora em uma cidade pequena, attiraram a atenção dos telespectadores, fazendo da novela Cordel Encantado uma referência na teledramaturgia regionalista.

Estes cenários naturais, a cultura das pessoas, os romances, tramas, heróis e vilões – que são comuns em obras do tipo - foram enriquecidos pelas semelhanças com a história e os personagens reais do cangaço e de seu rei, que estão no centro do enredo da novela, como é destacado por Gomes (2011) em artigo da Revista Isto É:

Era uma vez uma linda princesa chamada Aurora, alegria do reino de Seráfia do Norte até desaparecer, ainda pequena, em uma viagem. Seu pai achava que a menina tinha morrido. Mas, diferentemente dos contos de fadas clássicos, a princesa em questão não foi parar em um bosque frondoso, mas sim na cidade de Brogodó, no Nordeste do Brasil, onde foi rebatizada com o nome de Açucena. Em torno de sua aventura gira a criativa trama de “Cordel Encantado”, a novela global que tem arrancado elogios e conquistado a liderança da audiência no horário das 18h com seu misto de fábula e literatura de cordel. (Gomes, 2011, para. 1)

Cordel Encantado foi exibida entre 11 de abril e 23 de novembro de 2011, no horário das 18 horas, que tradicionalmente, exibe novelas de época, regionalistas ou românticas.

As autoras, Thelma Guedes e Duca Rachid, afirmam que queriam “fazer uma novela que levasse o público, por alguns minutos do dia, a sonhar e mergulhar no mundo maravilhoso da ficção. [...] São temas que reverberam em cada um de nós e tocam as pessoas de maneira

especial” (Gomes, 2011, para. 1). A escolha do cenário e os valores culturais envolvidos também são destacados como fatores para o sucesso:

quando optaram pelo Nordeste brasileiro como o cenário mágico em vez dos tradicionais bosques e florestas, típicos das fábulas do passado [...] perceberam também que a mistura de reino encantado com sertão estava na essência da literatura de cordel. A novela ganhou, então, outra dimensão. Ficamos animadas em criar uma espécie de cordel televisivo. [...] É uma novela visualmente de época mas com valores contemporâneos com os quais o público se identifica. (Gomes, 2011, para. 2)

A utilização da cultura popular nordestina, em especial a literatura de cordel, para dar vida à história, são analisadas por Amaral, Maia, Brandão e Alves (2011) e Puhl & Lopes (2011). Para Amaral (et al, 2011)

o que ocorre em “Cordel Encantado” é o uso do recurso do tradicionalismo ao folclore, que ajuda a evitar as dificuldades de se lidar com uma realidade cada vez mais plural, com redes de relacionamentos, fragmentação e articulações improváveis. É necessário, porém, enfrentar os novos desafios para poder, de forma lúcida e eficiente, reconhecer a multiplicidade de interfaces que as diversas culturas, principalmente a popular, assumem na modernidade. (Amaral et al, 2011, p. 12)

Puhl e Lopes concluem que

essa retroalimentação proporcionada pela relação entre literatura e televisão, é uma forma de qualificar a teledramaturgia, assim como mostrar nas telas as criações tipicamente brasileiras. Esse reconhecimento, além do recebido pela imprensa, está nas conversas do cotidiano, nas casas, nos ônibus. O Cordel *desencantou* e será reconhecido de norte a sul, por uma única razão: ele apareceu na televisão. (Puhl & Lopes, 2011, p. 62)

Além de colocar a cultura popular nordestina, o cordel especialmente, na vitrine (ver na figura 01 imagem da abertura da novela), a novela Cordel Encantado promoveu o patrimônio natural da região, sendo um interessante meio promocional do nordeste, como destino turístico, que pode colaborar na (re)definição de imagens apresentadas em outros veículos e momentos. A seguir, nos aproximamos do principal objetivo deste trabalho e tratamos da hospitalidade nos sertões de Cordel Encantado.

## **Método**

O percurso metodológico parte de alguns apontamentos teóricos sobre a hospitalidade. Aproximando-nos do objetivo pretendido, vamos descrever um pouco da estória e das personagens de Cordel Encantado, utilizando inclusive de outros trabalhos já realizados com foco na obra.

Com base em Rose (2002) que apresenta três etapas para análises de imagens para a pesquisa: (1) seleção das cenas, (2) transcrição e (3) análise das cenas selecionadas, e no trabalho realizado por Almeida, França, Bleuel e Paiva Júnior (2009), traçamos os caminhos para chegar ao objetivo pretendido.

As análises são feitas a partir da identificação de cenas em que a hospitalidade é evidenciada, sendo assim uma amostragem intencional. Estas cenas foram observadas desde a exibição original da novela, permitindo a identificação e olhar mais detalhado durante esta pesquisa. As cenas foram reassistidas pelo menos três vezes no sitio da Rede Globo (sendo referenciadas ao final do trabalho), para permitir a transcrição de algumas falas e análises dos momentos de hospitalidade/hostilidade.

### **As personagens e a hospitalidade em ação: momentos de acolhida**

As cenas escolhidas para as análises compreendem os momentos de acolhida da família real de Seráfia no sertão nordestino, em dois contextos: a primeira vez que o Rei Augusto chega ao Brasil, com a sua esposa e a filha recém-nascida na comitiva, e a segunda vez, vinte anos depois, quando o rei volta ao Brasil depois de saber que sua filha, a princesa Aurora, pode estar no sertão nordestino.

Quando a comitiva real se preparava para viajar até o Brasil, pela primeira vez, em busca de um tesouro que um antepassado (que havia estado no Brasil antes mesmo que os portugueses) tivera deixado escondido no sertão brasileiro, o cientista Zenóbio, espécie de desbravador e guia do rei, avisa que “a região não é pra mulheres, nem para bebezinhos, pois, é uma região linda, inóspita, perigosa, cheia de bandidos cruéis, conhecidos como cangaceiros”. Mesmo ficando

assustados com as informações sobre o sertão, todos resolvem acompanhar o rei, inclusive, como foi dito pela rainha “para trocar o frio da Europa pelo calor dos trópicos”.

Já no primeiro capítulo, exibido no dia 11 de abril, percebemos vários momentos que remetem à prática da hospitalidade, bem como da hostilidade.

Chegando ao Brasil em um barco, a corte desfruta dos recursos naturais, mergulhando nas águas do rio São Francisco e apreciando a paisagem. Apesar de alguns demonstrarem incômodo com o calor e o aspecto selvagem da região, o rei e a rainha estavam entusiasmados com o que tinham para conhecer e desfrutaram de um banho de rio (figura 2).

Antes de chegar à cidade, a comitiva acampou. O primeiro contato com os moradores locais se deu com a abordagem dos cangaceiros. O rei do cangaço, capitão Herculado, de arma em punho, pergunta à condessa Úrsula: “quem são vocês? Pelas roupas vieram de longe. O que fazem aqui?” E ela responde: “Sim, somos de muito longe. Viemos passear, explorar a região, fazer turismo”. A condessa fala do tesouro ao capitão. Este vai ao encontro do rei em busca do tesouro, ameaçando-o de morte, caso não o entregasse (figura 3). O rei não sabia onde estava o tesouro...a volante (polícia da época) chegou e os cangaceiros “debandaram”.

Nesta cena percebemos a ausência de qualquer atitude hospitaleira dos cangaceiros para com os “visitantes”, chegando ao extremo da hostilidade, com ameaças. Esta hostilidade pode ser justificada pelos costumes do cangaço e pela surpresa com a chegada de pessoas estranhas em sua região, sem saber os motivos que os levaram até lá.

Na continuidade da cena, o capitão Herculano encontra a rainha, que está gravemente ferida, depois de um acidente com sua carruagem. O capitão demonstra solidariedade e oferece ajuda imediatamente, mesmo sem saber quem ela é, e diz que vai levá-la para que alguém cuide dela (provavelmente a levaria para o esconderijo do seu bando, onde a sua mãe poderia ajudar). A rainha diz que não há tempo, explica quem ela é, e pede que ele dê um recado ao rei: “que a filha deles está viva”. O capitão Herculano demonstra preocupação em cuidar daquela “estrangeira”, ao ver que estava ferida e indefesa, sendo uma atitude que se aproxima da hospitalidade em seus aspectos mais remotos e originais, de acolher pessoas enfermas, como é apontado por Cruz (2002) e Camargo (2005) na definição de hospitalidade sociocultural.

IX Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
30 de agosto e 01 setembro de 2012 – Universidade Anhembi Morumbi - São Paulo

Vinte anos depois o Rei Augusto recebe notícias de que sua filha pode estar viva no Brasil e volta para encontrá-la. Desta vez a visita do rei foi oficialmente informada ao governo brasileiro, e o prefeito da cidade de Brogodó, que recebeu e hospedou a comitiva real no palácio do governo.

Na primeira visita ao Brasil a comitiva real não tem contato com a população da cidade de Brogodó, ficando alojados em um acampamento. Com o acidente que vitimou à rainha e sua filha, o rei logo voltou para Seráfia.



**Figura 01: Imagem de cordel na abertura da novela**

Fonte: [www.globo.com](http://www.globo.com)  
Capturado em abril de 2012



**Figura 02: O rei e a rainha saindo do banho de rio**

Fonte: [www.globo.com](http://www.globo.com)  
Capturado em abril de 2012



**Figura 03: o rei de Seráfia é ameaçado pelo rei dos cangaceiros**

Fonte: [www.globo.com](http://www.globo.com)  
Capturado em abril de 2012

A segunda visita da comitiva real foi exibida a partir do dia 14 de abril. O prefeito Patácio, depois de receber um telegrama informando a chegada do rei, organiza uma festa calorosa para recepcioná-lo (figuras 4 e 5). Todos da cidade se envolvem e aguardam com ansiedade a chegada do rei e sua corte. O delegado planeja a segurança da comitiva com seus dois soldados; a primeira-dama organiza a sociedade brogodosense, tendo inclusive comprado na capital tecidos em tom verde para fazer os vestidos de todas as senhoras da cidade. No palácio do governo, a casa do prefeito, onde a comitiva ficará hospedada, a primeira-dama escolhe, em um caderno de receitas, um prato especial para o rei, uma *ratatouille*.

Desde os preparativos para a chegada dos visitantes percebemos o cuidado em garantir a hospitalidade, nas dimensões sociocultural, pública e doméstica.

Contudo, um mal entendido na mensagem do telegrama faz com que a população de Brogodó se concentre em um portão de entrada, e a comitiva chega por outro. Ao ver que não há indícios de festa na cidade, todos ficam surpresos e desapontados. Alguém da comitiva diz: “mas não devia haver uma comitiva para nos recepcionar?”. E o rei responde “ela acabou de chegar”, ao avistar o capitão Herculano saindo da igreja. O cangaceiro diz: “bem vindo a Brogodó, majestade”. Os outros cangaceiros aparecem e começam a tomar os pertences da comitiva real. Ao ver que até a rainha-mãe está sendo assaltada, o mãe do capitão Herculano repreende o cangaceiro e manda que ele peça desculpas, por ser uma senhora idosa. A rainha-mãe diz: “quanta gentileza querida, estou adorando a recepção, emocionante, inesquecível”.

O capitão Herculano explica que a população da cidade está em outra estrada, aguardando à chegada do rei, e o leva para “ter uma prosa” (figura 6).

Nesta cena, verificamos a expectativa dos visitantes quanto aos preparativos para sua chegada. Era de se esperar que a cidade preparasse uma acolhida calorosa, como de fato foi feito. Mesmo trazendo insegurança e medo aos visitantes, o capitão Herculano se preocupa em dar as boas-vindas ao rei, que por já haver conhecido o líder dos cangaceiros, na viagem anterior, não tinha medo que ele lhes trouxesse grande risco. Assim, a hospitalidade deu lugar à hostilidade na chegada da comitiva real à Brogodó. Adiante, todos da cidade se esforçarão em desfazer esta impressão.

Na continuidade da cena, o capitão Herculano leva o Rei Augusto para um lugar afastado. O interesse do capitão em encontrar o rei desde a sua chegada era justificado pela obrigação de cumprir uma promessa feita à esposa do rei, 20 anos antes. O capitão contou ao rei que sua filha está viva, e que ele tem um traidor em sua comitiva...depois de relatar o momento que encontrou a rainha ferida, o capitão levou ao rei ao lugar onde ele, o capitão, a sepultou.

Depois de chorar no túmulo da rainha, o rei agradece ao capitão Herculano por ter cumprido a promessa que fez a rainha - do recado sobre a filha – e diz que ele é mesmo um homem de palavra. O capitão diz que “não fez mais que a obrigação”. Na despedida, o rei elogia o burro que veio montado, e o capitão diz: “é seu. Presente pela mal fadada recepção que lhe dei”. O rei agrade e vai para a cidade.

Com esta cena verificamos que a hostilidade antes demonstrada pelo capitão agora dá lugar à hospitalidade, que encontra sua base nos valores culturais do capitão, revelados na obrigação de cumprir uma promessa e no oferecimento de um presente, como pedido de desculpas. Neste momento, a atenção dispensada ao visitante faz com que se fortaleçam aqueles vínculos apontados por Camargo (2004), intermediados pela hospitalidade.



**Figura 04: O prefeito informando ao povo de Brogodó a chegada do rei.**

Fonte: [www.globo.com](http://www.globo.com)

Capturado em abril de 2012



**Figura 05: O povo de Brogodó preparado para receber o rei**

Fonte: [www.globo.com](http://www.globo.com)

Capturado em abril de 2012



**Figura 06: Os cangaceiros recepcionando a comitiva real**

Fonte: [www.globo.com](http://www.globo.com)

Capturado em abril de 2012

Na cena seguinte, o prefeito e a primeira-dama se desculparam com o rei pela confusão. O prefeito diz que está “profundamente constrangido pelo ataque dos cangaceiros” e convida o rei a “deixar o constrangimento e ir aos festejos”. Ao chegar à casa do prefeito, este se preocupa em apresentar as personalidades da cidade ao rei. A primeira-dama organiza a distribuição dos aposentos dos convidados e pede que “eles se sintam em casa” (figura 7). A condessa Úrsula diz que “vai ser difícil”, mas o rei a interrompe e afirma que “está tudo ótimo”. A rainha-mãe diz que está “adorando, que é tudo tão pitoresco”. A primeira-dama pergunta se pitoresco é um elogio... a irmã do delegado oferece sua residência para hospedar os visitantes mas o prefeito a repreende e diz que “o palácio do governo é o melhor edifício de Brogodó”. A primeira-dama pede que os hóspedes sejam acompanhados aos quartos. O prefeito acompanha o rei, e chegando ao quarto diz: “são aposentos módicos para a realeza de vossa majestade, mas foi tudo preparado com muito afeto e com muita devoção, acredite”. O rei diz que acredita e agradece: “sou muito grato

por tamanha receptividade, o senhor e a sua família são anfitriões nobres por natureza”. O prefeito tenta beijar a mão do rei, que diz que “não é necessário”.

Com a chegada do rei e sua comitiva à casa do prefeito observamos os esforços para lhe oferecer uma dádiva. Como lembra Camargo (2005), a hospitalidade é toda prestação de serviços ou bens efetuada sem garantia de retribuição, com o intuito de criar, manter ou reconstruir o vínculo social. As ações do prefeito e sua família para acolher os visitantes exemplificam o encontro de várias dimensões da hospitalidade: a doméstica, caracterizada pelo acolhimento em casa, sem interesses comerciais; a pública, pois cabe ao governo os esforços para receber bem o visitante na cidade, e visto que não havia hotel em Brogodó (impedindo a prática da hospitalidade comercial), a autoridade pública se vê no dever de acolher outra autoridade; e a sociocultural, na presença das personalidades importantes da cidade, para dar as boas-vindas ao rei.

No dia seguinte foi oferecido um banquete de boas-vindas aos convidados. E o cuidado em agradar os visitantes é percebido na *mise en place* da mesa, nos lugares marcados para cada convidado (sendo o rei e o prefeito nas cabeceiras da grande mesa) e no atendimento às normas clássicas de um banquete (figuras 8 e 9). Doralice, filha do prefeito, se assusta com o príncipe puxando a cadeira para que ela se sentasse. O príncipe diz: “só queria ser gentil puxando a cadeira para a senhorita”; e ela responde: “grata mas eu posso me sentar sozinha”. Durante o banquete chega um menino, e alguém diz que ele não foi convidado. Doralice diz que sim, que o convidou, para apresentar-lhe ao rei, pois foi ele quem avisou que os cangaceiros haviam atacado a comitiva. O rei diz que ele “é um herói e merece uma condecoração”. O menino entrega um presente ao rei: um grilo. O rei fica contente, e ao mostrar o grilo a sua mãe, ele pula sobre as mulheres, que, apavoradas, gritam...o rei pega o grilo e guarda numa caixa. “Eu prometo que cuidarei bem dele”, diz o rei.

O ato de sentar à mesa e compartilhar uma refeição é bastante significativo para o estabelecimento daqueles vínculos da hospitalidade. No banquete oferecido aos convidados são evidenciados os cuidados com a organização dos detalhes para que tudo aconteça da maneira planejada, semelhante aos serviços dos hotéis e restaurantes, na hospitalidade profissional. O hóspede (príncipe) tenta retribuir a hospitalidade puxando a cadeira para a filha do dono da casa,

IX Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
30 de agosto e 01 setembro de 2012 – Universidade Anhembi Morumbi - São Paulo

mas esta não recebe a gentileza e responde com hostilidade, desrespeitando uma das leis da hospitalidade, que diz que toda oferta deve ser recebida. Nos capítulos seguintes assistimos aos desdobramentos de uma história de amor entre ambos. O rei agradece à oferta do presente, mesmo sendo um grilo, e demonstra contentamento com a ação do menino.

Na continuidade do banquete, a primeira-dama bate palmas e, na tentativa de falar francês, para agradar aos visitantes e parecer chique diz: “*servê, si pepe*, a comida é francesa” (uma *ratatouille*, com tempero sertanejo). Vários rapazes servem os convidados. Os anfitriões ficam ansiosos para ver a reação dos convidados à comida oferecida. Depois de experimentar a comida, o rei diz: “há muitos anos eu não me sinto tão feliz”. Outro convidado, morador da cidade, diz: “essa comida tem o sabor da felicidade, majestade”. O rei concorda e diz: “onde está a cozinheira, eu faço questão de conhecê-la”.



**Figura 07: O prefeito acolhendo a comitiva em sua casa.**

Fonte: [www.globo.com](http://www.globo.com)  
Capturado em abril de 2012



**Figura 08: O banquete de boas-vindas.**

Fonte: [www.globo.com](http://www.globo.com)  
Capturado em abril de 2012



**Figura 09: O rei Augusto degustando a refeição.**

Fonte: [www.globo.com](http://www.globo.com)  
Capturado em abril de 2012

Apesar de a primeira-dama dizer que ele não pode cumprimentá-la o rei se levanta e vai até a cozinha para parabenizar a cozinheira, Maria Cezária (que será a rainha de Seráfia no final da novela). O rei elogia a comida e beija a mão da cozinheira, deixando algumas pessoas impressionadas com seu respeito a uma empregada.

Mais uma vez, no banquete, os visitantes podem sentir a hospitalidade dos anfitriões. O agradecimento - com as palavras e com a atitude de beijar a mão da cozinheira - são parte do processo que envolve a dádiva – dar, receber e retribuir. Com sua ação o rei demonstra que toda ação de hospitalidade deve ser recebida e retribuída. Esta atitude é verificada em nosso cotidiano,

seja em situação semelhante, de hospitalidade doméstica, quando o visitante tece elogios à comida oferecida pelo anfitrião; ou na hospitalidade comercial, quando, em um restaurante, mesmo sabendo que vamos pagar pelo serviço e que o restaurante tem obrigação de atender padrões de qualidade, nos preocupamos em pedir para conhecer o *chef* e elogiá-lo pela comida ou na gorjeta deixada para o garçom, pelo bom atendimento.

### **Considerações Finais**

Neste trabalho, nos propomos a identificar e analisar as práticas de hospitalidade no cotidiano das personagens da novela *Cordel Encantado*. Verificamos que a hospitalidade encontra o contexto para ser praticada principalmente a partir dos momentos que precedem o encontro entre quem recebe e quem é recebido, e em seguida, nos desdobramentos deste encontro. Pela complexidade das expectativas entre os envolvidos, são percebidas algumas atitudes de inospitalidade e de hostilidade.

Já nos primeiros capítulos da novela *Cordel Encantado*, com a chegada da corte ao sertão nordestino, na cidade de Brogodó, assistimos a vários atos de hospitalidade, que também são intercalados por atitudes hostis, geralmente associadas aos cangaceiros.

O acolhimento aos visitantes evidencia a hospitalidade em várias dimensões e aspectos: sociocultural, doméstico e público. Nas cenas analisadas não há evidências de hospitalidade comercial, que na novela poderia ser verificada nos restaurantes e “bodegas”.

Em outros capítulos, não analisados aqui, é possível perceber a hospitalidade sociocultural e doméstica, por exemplo, quando o rei e sua comitiva depois de visitar alguns moradores, “reclamam” da hospitalidade do povo de Brogodó, por terem comido bolo e tomado café em todas as casas que entraram.

Mesmo nas entrelinhas, a exibição da cultura nordestina e dos seus recursos naturais, tem contribuído para que turistas se interessem em conhecer as paisagens e atrativos desta região do sertão nordestino que serviu de cenário para a novela (Brasil, 2012).

Como era previsto, este trabalho sinaliza e revela a possibilidade de observações empíricas, associadas à teoria, em diversas situações do cotidiano, sobre a importância da hospitalidade para a sociedade, especialmente nas relações que envolvem visitantes e anfitriões.

## Referências

- Almeida, Simone et al (2009). *A Gastronomia Está na Mídia: uma discussão sobre o consumo em restaurantes a partir do Filme Ratatouille*. (In) *Anais do VI Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo*. São Paulo: Anhembi Morumbi.
- Amaral (et al, 2011). Apropriação da Cultura Popular Nordestina pela Mídia de Massa na Telenovela “Cordel Encantado”. In.: *Anais XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Recife, Pernambuco.
- Brasil (2012, Maio). Ministério do Turismo. Roteiro sergipano encanta turistas. Recuperado dia 03 de Maio de 2012, em [http://www.turismo.gov.br/turismo/noticias/todas\\_noticias/20120502-3.html](http://www.turismo.gov.br/turismo/noticias/todas_noticias/20120502-3.html)
- CAMARGO, Luíz O. L. (2004). *Hospitalidade*. São Paulo: Aleph. (Coleção ABC do Turismo)
- CAMARGO, Luíz O. L. (2005). *Hospitalidade* In.: TRIGO, Luiz Gonzaga (Editor). *Análises Regionais e Globais do Turismo Brasileiro*. São Paulo: Roca.
- Cruz, Rita de C. A (2002). *Uma abordagem geográfica do fenômeno da hospitalidade turística*. In. DIAS, C (Org). *Hospitalidade: reflexões e perspectivas*. Barueri, SP: Manole.
- Gomes, Luciani (2011, Edição 2165, 06 de Maio). No reino da fantasia. *REVISTA ISTO É*. Recuperado em 10 de maio de 2012, de [http://www.istoe.com.br/reportagens/135935\\_NO+REINO+DA+FANTASIA](http://www.istoe.com.br/reportagens/135935_NO+REINO+DA+FANTASIA)
- GRINOVER, Lúcio (2002) *Hospitalidade: um tema a ser reestruturado e pesquisado*. In: DIAS, C. *Hospitalidade: reflexões e perspectivas*. Barueri, SP: Manole.
- LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison (Orgs.) (2004). *Em busca da hospitalidade. Perspectivas para um mundo globalizado*. São Paulo: Manole.
- Puhl, Paula & Lopes, Poliana (2011). Cordel Encantado: a telenovela encantada com a literatura popular. In. *Revista comunicação, mídia e consumo*. São Paulo, ano 8, vol.8, n.22, pp. 35-63.
- Rede Globo (2011). *Cordel Encantado*. [Capítulos dos dias 11, 14 e 15 de abril] Recuperado em 10 de Março de 2012, em <http://globo.com/rede-globo/cordel-encantado/t/cenas/v/zenobio-mostra-o-mapa-de-um-tesouro-no-sertao-nordestino-brasileiro/1482295/>
- Rose, D. (2002). *Análise de Imagens em Movimento*. (In) Bauer, Martin W.; Gaskell, George. *Pesquisa Qualitativa em texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Selwyn. Tom (2004). Uma antropologia da hospitalidade. In Lashley, Conrad; Morrison, Alison (Orgs.) (2004). *Em busca da hospitalidade. Perspectivas para um mundo globalizado*. São Paulo: Manole.